

DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES

**COMPÊNDIO
DE GRAMÁTICA
HISTÓRICA
PORTUGUESA**

FONÉTICA E MORFOLOGIA



8ª EDIÇÃO



CLÁSSICA
EDITORA

Prólogo da 1.^a edição

Quando em 1906 publiquei, em introdução à minha CRESTOMATIA ARCAICA, um breve resumo de gramática histórica da nossa língua, era minha intenção ampliá-lo e desenvolvê-lo no mais curto espaço de tempo. Outras ocupações e especialmente a absorção do ensino oficial fizeram que só agora pudesse levar a cabo o meu plano, ainda assim incompleto, pois que lhe falta a Sintaxe; verdade seja que, sabendo que o há pouco falecido professor Epifânio Dias preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira ideia. Mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requer; ficará, portanto, para mais tarde, se a vida me não faltar.

No presente estudo, em harmonia com a ordem adoptada, trato em primeiro lugar dos sons e sua evolução através dos tempos, e, porque o nosso vocabulário, logo no começo da sua constituição, alguma coisa foi buscar ao germânico e árabe, dou, em apêndice, uma explicação resumida das transformações sofridas, igualmente pelos nomes dessa proveniência, explicação que, me parece, é agora tentada pela primeira vez com algum desenvolvimento em obras da natureza desta, as quais só se referem em geral aos de origem latina; a seguir, trato dos mesmos sons, quando reunidos para

exprimirem ideias, isto é, das palavras, sua variedade e formação. Naturalmente, quer numa, quer noutra parte, não raro me foi necessário, para exemplificar as sucessivas transformações dos fonemas e vocábulos, recorrer a formas arcaicas, das quais umas evolucionaram, outras desapareceram; tais formas foram por mim colhidas na leitura de bastantes textos antigos, e das suas respectivas fontes dou muitas vezes indicação, não o fazendo sempre, pelo receio de alardear erudição e sobretudo aumentar o volume.

Com este meu modesto trabalho, no qual procurei condensar o que de melhor se acha escrito em autores nacionais e estrangeiros, tive a mira em poupar aos estudantes das nossas Faculdades de Letras e a todos quantos se empenham em conhecer a história do nosso idioma investigações e diligências que lhes absorveriam muito tempo e por vezes mesmo, dada a deficiência das nossas bibliotecas, sobretudo as provinciais, se lhes tornariam impossíveis de realizar; se o consegui ou não, di-lo-á a crítica justa e imparcial, em cujas mãos o deponho, de antemão grato a todas as observações sensatas que houver por bem fazer-me.

Dou em seguida a resenha das principais obras teóricas de que me socorri neste estudo e explicação, para os menos versados, dos sinais usados em trabalhos de igual natureza.

J. J. NUNES.

Índice das matérias

	Pág.
Dedicatória	V
Prólogo da 1. ^a edição	VII
Prólogo da 2. ^a edição	IX
Prólogo da 3. ^a edição	X
Lista das principais obras consultadas. Explicação dos sinais empregados .	XI
Índice das matérias	XIII

Introdução.

Origem e evolução do português; elementos de que se compõe.

O latim entre as línguas indo-europeias	3
Latim vulgar e literário	4
Baixo latim e latim bárbaro	10
O português entre as línguas românicas.	11
Outros elementos componentes do português	17

Fonética ou estudo dos sons.

Divisão da Fonética	21
-------------------------------	----

SECÇÃO I. — *Fonética fisiológica.*

Produção dos sons; sua divisão	22
Vogais	23
Ditongos.	26
Consoantes	27
Sílaba e acento	30

SECÇÃO II. — *Fonética histórica.*

CAPÍTULO I.

Acentos, vogais e ditongos no latim. Importância do tónico	32
O acento tónico; sua persistência em português	32
Acento secundário	38
Vogais latinas	38
Influência do acento tónico	41
Persistência das tónicas	42

CAPÍTULO II.

Vogais tônicas:

Á	42
Ê	45
Ê	46
I	50
Ô	51
Ô	52
U	55

CAPÍTULO III.

Vogais átonas:

<i>Iniciais</i>	56
<i>Mediais:</i> a) pretónicas	66
b) postónicas	68
c) finais	69
Hiato	74
Ditongos	76

CAPÍTULO IV.

Consoantes:

<i>Iniciais:</i> 1.º simples	88
2.º agrupadas	94
<i>Internas:</i> 1.º simples	99
2.º agrupadas: duplas	115
grupos de três consoantes	140
seguidas das semivogais	142
consoantes finais	148

CAPÍTULO V.

Alterações a que estão sujeitas as vogais e consoantes	150
--	-----

CAPÍTULO VI.

Fonética sintáctica	163
<i>Apêndice:</i> I — Fonética histórica dos nomes provenientes do germânico e árabe: Vocalismo	167
Consonantismo	173
Consoantes agrupadas	182
II — História da pronúncia das vogais e consoantes	188
III — História da Ortografia	192

Morfologia ou estudo das formas.

Partes do discurso	201
------------------------------	-----

CAPÍTULO I.

SECÇÃO I. — *Nome.*

Suas várias espécies	203
Nomes próprios	204
Nomes comuns	207
Numerais	209

SECCÃO II. — *A flexão no nome.*

Casos	216
Restos de casos	219
Números	219
Géneros	221
a) substantivos	221
Alteração nos géneros	222
b) adjectivos	224
Formação do plural	226
<i>Singularia et pluralia tantum</i>	232
Nomes compostos	232
Gradação do adjectivo	234

CAPÍTULO II.

Pronome.

Sua aproximação do tipo original maior que nos nomes	236
Pronomes pessoais	236
Pronomes reflexos	241
Pronomes possessivos	242
Pronomes demonstrativos	245
Demonstrativos simples	246
Demonstrativos compostos	247
Artigos: a) definido	251
b) indefinido	253
Vestígios das antigas formas do artigo definido	253
Fusão do artigo com o nome ou seu desaparecimento	257
Pronomes relativos e interrogativos	258
Pronomes indefinidos	260
Nomes usados com o valor de indefinidos	266
Partitivo	268

CAPÍTULO III.

Verbo.

A conjugação latina e a portuguesa	270
Alterações fonéticas do verbo	272
Acentuação	273
Vogais e consoantes na flexão verbal	275
Conjugações	276
Desinências e sufixos	279
a) desinências pessoais	279
b) sufixos temporais ou modais	282
Queda do -e final	283

SECCÃO 1. — *Presente.*

Formação dos respectivos tempos	284
Influência da semivogal sobre:	
a) as vogais -e- e -o- do radical	285
b) sobre as consoantes c ou t, d, l e n	290
Manutenção excepcional da semivogal	292

Razões das aparentes irregularidades verbais:	
a) verbos cujo radical termina por gutural.	293
b) verbos em <i>-ear</i> e <i>-iar</i>	294
Presentes anómalos: <i>ser, poder, haver, saber, dar, estar, ir</i>	296
Paradigmas dos verbos regulares.	299
Infinitivo e formas nominais do mesmo.	302

SECCÃO II. — *Pretérito.*

Formação fraca e forte	304
Pretéritos fracos	306
Conservação de alguns pretéritos fortes	309
Alterações fonéticas operadas nestes pretéritos	310
Restos das primitivas formações fortes do pretérito	312

SECCÃO III. — *Particípio.*

Formação fraca e forte.	316
Persistência dos particípios fortes	317

SECCÃO IV. — <i>Futuro e condicional</i>	319
--	-----

Aditamento ao verbo: Conjugação antiga e moderna dos seguintes verbos: <i>Alumiar, amparar, dar, estar, louvar, nomear, perdoar, pesar, arder, benzer, caber, arc. impes. caer, chover, comer, conhecer, crer, dizer, doer, erguer, fazer feder, haver, jazer, ler, arc. maer, morrer, perder, poder, pôr, prazer, prender, querer, receber, saber, ser, soer, ter, tolher, trazer, valer, ver; aduzir, cair, corrigir, cumprir, dormir, falir, ferir, fugir, arcs. gouvir e guarir, ir, mentir, arcs. nozir e oferir, ouvir, parir, pedir, possuir, rir, sair, seguir, vir.</i>	321 a
	341

CAPÍTULO IV.

<i>Palavras invariáveis</i>	342
Advérbios	342
Locuções adverbiais.	347
Nome adverbialdo	348
S paragógico.	350
Preposições	351
Conjunções	352
Interjeições	355

CAPÍTULO V.

Formação de palavras.

A) popular	356
Derivação	358
Composição	388
B) literária	398
Importação de outras línguas.	404
Índice sinóptico das matérias tratadas neste volume	410
Índice etimológico	416
Correcções	455

Introdução

Origem e evolução do português; elementos de que se compõe

1. *O latim entre as línguas indo-europeias.* — É hoje ponto definitivamente assente e incontroverso que a língua portuguesa não passa de transformação, lenta e progressiva, realizada através dos séculos, de uma, a latina, que tomara o seu nome da região onde se desenvolvera, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história e cujo assento ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar. Deste povo, conhecido pelo nome de *ária* ou *ariano* (1), saíram diferentes tribos, as quais, disseminando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram consigo, a par das crenças e civilização da mãe comum, a língua que tinham aprendido no berço. Foi esta, a que se convencionou dar o nome de *indo-europeu* e cujo aparecimento se perde na noite dos tempos, que, continuando talvez as modificações já operadas no primitivo território, deu origem às várias línguas donde provêm quase todas as actualmente em uso na Europa e muitas na Ásia (2).

(1) Em rigor esta denominação só pertence aos povos que falaram o *do-irânico*.

(2) O indo-europeu fraccionou-se nos seguintes dialectos: *germânico*, *itálico* (*latim e osco-úmbrico*), *báltico*, *eslavo*, *celta*, *albanês*, *grego*, *indo-irânico* e *arménio*, afora o *tocariano*, recentemente descoberto na Ásia central. Dos sete primeiros, tornados línguas independentes, provêm todas as línguas

Entre aquelas, uma sobressai pela sua sorte e destino verdadeiramente notáveis — a latina. Falada a princípio por um povo diminuto e de costumes bárbaros, teve ela o raro condão de, transpondo o pequeno território onde era usada, suplantar as línguas não só da Itália, mas também de grande parte do Sul e Centro da Europa e ainda do Norte da África, seguindo sempre de vitória em vitória, como o povo que a falava, até se tornar a única dominante numa extensão enorme de terreno.

A sorte próspera que a acompanhou em vida do povo romano, não se extinguiu com o desaparecimento do domínio deste, mas, ao contrário, seguindo-a sempre, fez que ela, transpondo os mares, fosse implantar-se ainda nas restantes partes do mundo, sendo hoje a que abrange mais vasto território.

2. *Latim vulgar e literário.* — Nesta língua, de destino tão brilhante, temos de distinguir duas feições principais: a *popular* ou falada e a *literária* ou escrita. Aquela era usada pela plebe, isto é, pelas pessoas incultas e analfabetas, esta a que nós conhecemos pelos esplêndidos monumentos que constituem a literatura latina. Ainda entre uma e outra deve enumerar-se a que as pessoas instruídas empregavam em família, da conversação entre parentes, amigos e conhecidos, como sucede ainda hoje, que se distingue a fala das pessoas inteiramente desprovidas de cultura das que o não são, as quais usam de vocabulário mais extenso e escolhido e de frase mais limada e correcta, ainda que não tanto cuidada e polida como quando escrevem, especialmente com intenção literária.

A existência das diferentes feições que o latim tomava, quando falado pela gente rude ou pelas pessoas ilustradas entre si, é-nos

actualmente faladas na Europa, com excepção do turco, do grupo uralo-finês e do basco. Para mais alguns esclarecimentos veja-se o livrinho da vulgarização *Indo-germanische Sprachwissenschaft* de Meringer (coleção Göschen), para maior desenvolvimento da matéria consulte A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*; aí se encontrará uma extensa bibliografia do que há de melhor publicado acerca do assunto.

atestada pelos escritores, que dão à primeira o nome de *sermo vulgaris* e à segunda o de *consuetudo* ou *sermo quotidianus*; infelizmente, nenhum meio nos transmitiu a tradição, quer oral, quer escrita, por onde hoje possamos surpreender a maneira como se diferenciavam na pronúncia aquelas duas classes de pessoas; apenas pelos escritos sem pretensões literárias, como são os diplomas ou inscrições, e pelas correções encontradas nas obras dos gramáticos somos informados de que tal palavra tomava na boca do povo forma diferente da usada pela língua literária. É claro que nos primitivos tempos, quando a sociedade romana era constituída apenas por indivíduos sem cultura intelectual, aquelas divergências não existiam, todos empregavam a mesma fala — é a fase arcaica. Decorreram, porém, os anos e Roma foi estendendo o seu domínio, conquistando povos, tomando cidades e pondo-se ao mesmo tempo em contacto com civilizações mais adiantadas, as quais foram a pouco e pouco modificando o seu carácter rude e grosseiro. A mesma transformação realizou-se na língua, que foi gradualmente perdendo a antiga rusticidade e adquirindo maneiras cada vez mais cortesias, e de dura e áspera tornou-se suave e harmoniosa, mercê das diligências empregadas neste sentido por Lívio Andronico, Pacúvio, Névio e principalmente Ênio, a quem cabe justamente o título de criador da língua literária. Os esforços destes poetas, combinados com os dos que se lhes seguiram, fizeram que, pelos meados do século I, antes de Cristo, fosse um diamante facetado, polido e brilhante o que tinha sido um seixo bruto, cheio de arestas e escabrosidades. Aquela língua revolta e movimentada, como a plebe que a falava, sem dique que obstasse às suas quase diárias transformações (1), viu-se de repente detida na sua evolução: à antiga mobilidade sucedeu tal ou qual fixidez; o que até aí fora instável tornou-se definitivo; o vocabulário enriqueceu-se; a expressão seguiu regras certas; numa palavra, a fala, rústica e imprópria para traduzir o que passasse da esfera animal, a antiga grosseria, adquiriu dentro em pouco sonoridade, elegância e nobreza tais, que para ela o

(1) Tais e tantas tinham sido as alterações por que havia passado a língua latina, que já Cícero e Horácio confessavam depois não entenderem aquela em que tinham sido escritos os antigos documentos.

reproduzir concepções sublimes, as mais elevadas imagens poéticas, era fácil tarefa.

É claro que a Grécia, que, no dizer de Horácio, de avassalada se tornou avassaladora ⁽¹⁾, contribuiu mais que nenhuma outra das nações com que os Romanos se tinham posto em contacto para esta tamanha revolução; a leitura dos seus poetas inspirou naturalmente o desejo da imitação e o conhecimento, cada vez mais difundido, do grego, foi um auxiliar valioso para o aperfeiçoamento da língua; de tal maneira aquele influiu nesta, que por fim o seu léxico, a sua versificação e sintaxe eram em grande parte gregos.

Mas, enquanto assim se aperfeiçoava a antiga língua, que, comparada com a moderna, poderia parecer diferente desta, o povo continuava a usar a fala arcaica, alterando-a de continuo, embora não tão radicalmente agora como dantes, em vista do seu contacto com o *sermo quotidianus*, que, sendo empregado pelas mesmas pessoas que se serviam da língua literária, lhe impunha tal ou qual barreira. Extinto, porém, o *sermo quotidianus*, a quando da irrupção dos bárbaros, com o desaparecimento da classe que o falava e com ela da cultura intelectual, aquela barreira desapareceu e as tendências modificadoras, até aí mais ou menos represadas por aquele no *sermo vulgaris*, agora completamente livres e desembaraçadas, ostentaram-se em toda a sua pujança, e, como os que falavam a nova língua eram quase todos os que faziam parte do vasto império, foi ela que por fim triunfou.

Era natural que as modificações que, desde longa data, se vinham operando no latim vulgar, tivessem por objecto especialmente a fonética, porquanto são os sons que na língua mais sujeitos estão a ser alterados. Muitas dessas modificações tinham-se dado já, quando os primeiros poetas trataram de criar a língua literária. Assim haviam permutado com outras e até desaparecido muitas vogais que já de sua natureza soavam fracamente, isto é, em cuja

(1) *Graecia capta cepit ferum victorem*, Epist. II, 1, 156.